

Reinado na Dor



21/11/04, Solenidade de Jesus Cristo Rei do universo, Ano C

Leituras: II Sam 5,1-3; Sal 121, 1-2, 4-5; Col 1,12-20



Leitura do Santo Evangelho segundo São Lucas (23,35-43):

O povo permanecia lá, a olhar. Os chefes, porém, zombavam e diziam: “A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!”. Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se traziam-lhe vinagre, e diziam: “Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo”. E havia uma inscrição acima dele: “Este é o Rei dos judeus”. Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós”. Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: “Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagamos por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal”. E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino”. Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.

Celebramos a festa de Cristo Rei. Escutando a primeira leitura, quando as doze tribos de Israel – que estavam dispersas e brigadas entre si – se unificam ali em Hebron (ao sul da que depois será Jerusalém) e se inclinam diante do jovem rei Davi para lhe render homenagem, tributo e se pôr a seus pés (Cf. II Sam 5,1-5), a gente pensa em uma realeza, justamente da unificação, do poder, da glória, da influência. O mesmo rei Davi (que sucedeu ao rei Saul, primeiro rei de Israel) depois se instala em Jerusalém, reúne as doze tribos e situa o reino de Israel na potência daquele então; reino majestoso e admirado até pela rainha de Sabá, a qual veio do Sul para ver as riquezas do filho de Davi, o rei Salomão (Cf. I Reis 10,1-13).

Podemos também pensar na realeza pelo poder da influência, do dinheiro, do prestígio ou da popularidade. O mesmo podemos pensar do próprio Jesus entrando em Jerusalém no Domingo de Ramos, que lhe diziam: “*Hosana ao Filho de Davi*” (Mt 21,9); vinha montado num burrinho e colocavam aos seus pés louros, palmas e até os mantos para que o burrinho de Jesus passasse em cima (Cf. Mt 21,7-8). Ou podemos pensar também em uma festa gloriosa, carregada de êxito e de triunfo: a realeza, o poder, a glória, o triunfo, o êxito. E está bem, ninguém nega que a realeza está carregada de todos estes decorativos ou de todas essas expectativas triunfalistas, exitosas, progressistas de nossa vida.

No entanto, em contrapartida de toda essa expectativa, ou desse marco com o qual a gente imagina o triunfo nesta vida, o êxito, a realeza, a glória, o poder, o orgulho nesta vida (quando a gente fantasia a felicidade e o triunfo nesta vida sempre os fazemos cheios de êxitos, vitórias, aplausos, glória, de reconhecimentos dos outros, de êxito nesse mundo). Jesus, diferente do que a gente imagina (e me incluo), na contramão de tudo isso, declara seu reinado, declara que Ele é Rei, se assume, se reconhece, e atua como Rei – reitero – exclusivamente no contexto de dor da Paixão e da Cruz (Cf. Jo 18,37). É o que o texto de hoje está nos transmitindo de maneira direta e sem meias-palavras, sem panos quentes e sem calmantes; diretamente.

Quando Pilatos lhe disse: “*Então, tu és Rei?*”, Jesus lhe disse: “*Sim, claro que sou Rei, pois para isto nasci; mas meu*

Reino não é desse mundo” (Cf. Jo 18,37). Declara seu reinado no momento da Paixão, quando está humilhado frente a Pilatos. Aqui o Evangelho diz claramente: “*estando Jesus já crucificado*” (Cf. Lc 23,33ss); ou seja, no fracasso absoluto de sua vida humana, quando já havia perdido tudo, humanamente falando. Na Cruz já não operava milagres, ali não tinha seguidores (Cf. Mt 26,56; Mc14,50); na Cruz, diríamos, tinha ido pelo ralo seu plano apostólico, não havia convencido a ninguém, segundo vemos neste momento. Sim, estavam todos contra ele! Poucas horas antes de estar crucificado, o povo havia pedido que soltassem Barrabás (Cf. Lc 23,18), um delinquente, malfeitor, ladrão, assassino, criminoso; e o povo preferiu esse antes que Cristo. Recordam? Gritavam: “*Crucifica-o, crucifica-o!*” (Lc 23,21).

Neste contexto Jesus se declara Rei. E aqui na Cruz, quando está no pior momento de sua vida, quando todo o resto já se perdeu, lhe põem o cartaz INRI, que significa: Iesus Nazarenus Rex Iudeorum (Cf. Jo19,19-22) (Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus). Recordem que é para debochar de Jesus, não o colocam ali como um troféu, é uma piada, um deboche, todos riem desse cartaz. O escreveram em grego, em hebreu e em latim, porque ali estavam também os romanos. Ou seja, é justamente uma piada, um deboche, uma blasfêmia, uma ironia, um sarcasmo para tirar sarro d’Ele (Cf. Lc 23,35-38). Puseram-lhe uma coroa de espinhos (Jo 19,2), uma capa vermelha que haviam tirado de um cavalo – é aquilo que vai abaixo da cela, em meu País se chama ‘chergão’ – e lhe puseram como se fosse um manto real.

Também lhe puseram uma vara como se fosse um cetro (Cf. Mt 27,29).

Então, a festa que hoje nós cristãos estamos celebrando, o momento da manifestação da realeza de Cristo, vai – repito – na contramão da expectativa exitosa ou triunfalista que o mundo nos transmite, para nos focar diretamente no contexto de que a verdadeira realeza de Cristo se dá na dor e, portanto, nos questiona profundamente sobre o sentido da dor. Como que pode ser este o contexto ao qual Jesus se declara rei? Não podia haver escolhido outro momento? Quando subiu ao Tabor onde suas vestes se transfiguraram, lembram? E, em cima do monte, elas apareceram mais brancas que a neve, refulgindo de luz ao ponto de que Pedro disse: “*Senhor, fiquemos aqui, é bom estarmos aqui*” (Mt 17,1-4), penso que esse seria um bom momento para dizer: “eu sou o Rei”.

Ou quando entrava em Jerusalém rodeado de toda gente que entoava vitórias e hosanas (Mt 21,1-11). O mesmo quando ressuscitou a Lázaro (Cf. Jo 11,1-44), que bom momento esse, não? Do ponto de vista publicitário, um momento onde ressuscita um morto poderia capturar uma quantidade de clientes. Ou quando devolvia a visão aos cegos (Cf. Mc 8,22-26), ou perdoava pecados (Cf. Lc 7,36-50), ou expulsava demônios (Cf. Mc 9,14-29); momentos de êxito da vida de Jesus. Eram bons momentos para dizer: “pois bem, eu sou o Rei”. Ou no batismo de João no Jordão onde se viu uma pomba sobrevoando e se escutou uma voz do céu que dizia: “*Este é meu*

Filho muito amado em quem tenho posto todas minhas complacências” (Mt 3,16-17).

No entanto, em nenhum desses momentos Jesus declara seu reinado; o faz, diríamos, no pior momento que a gente podia pensar.

Faço um parêntesis. O Papa João Paulo II desde que o consagraram sempre me impactou muito, me impressionou por sua santidade, por sua espiritualidade, por suas diversas facetas, suas características, a amplitude de sua pessoa e o fascinante como pessoa humana e como modelo cristão, desde todo ponto de vista. No entanto, lhes confesso, me impressiona mais agora, quando o vemos limitado por todos os lados, não pode nem falar, nem sequer pôde terminar a mensagem que mandou ao Congresso Eucarístico de Guadalajara. Se engasga, gagueja, tem Parkinson, não pode nem se mover, está feito um desastre, diríamos, e no entanto, segue caminhando. Isso a mim me admira muitíssimo mais que tudo o que fez quando era um homem atlético, vigoroso, radiante, cheio de ideias, com o mundo a seus pés. Deus lhe dê longa vida! O exemplo que me deu o Papa como cristão é maior nesses momentos que em todo o resto de seu pontificado.

Salvando também as distâncias, meu pai me deu muitos bons exemplos durante toda sua vida; no entanto os melhores exemplos que ficaram gravados para mim são de seus últimos momentos – ele morreu de câncer faz muitos anos. Quando, diante do irreversível ou dramático, ainda assim ele me alentava, ou me aconselhava, ou me transmitia uma boa ideia, ou até

alguma piada ou gesto de humor. A mim, realmente isso foi o que mais me admirou em meu pai, apesar de que tenho muitos bons exemplos de toda a sua vida.

Quer dizer, queridos irmãos, que estamos frente à presença de um contexto muito particular da vida humana, de cada um de nós, como é a dor, a solidão, a angústia, a desesperança, a fraqueza, a debilidade, a solidão, a humilhação, a vergonha. Reparem que coisa tão curiosa! Não somente debocham de Jesus os sacerdotes daquele então, o Sinédrio, mas também os soldados e até o próprio ladrão que estava a sua esquerda; até este debochava de Jesus dizendo-lhe: “*Salva-te a ti mesmo, e a nós!* (Lc 23, 39)”. Ou seja, reparem até que ponto chega a humilhação, que até o mais cretino dos cretinos, que estava crucificado ali por seus roubos, até ele debochava de Jesus.

Frente a presença da dor, como tantas vezes pode nos ocorrer na vida, geralmente nos perguntamos: “E por que isto? Por que neste momento? Por que a mim? Por que deste modo? Por que nestas circunstâncias?”. E me parece que essa pergunta, aparentemente muito válida ou muito filosófica, está, no entanto, viciada de nulidade. Primeiro, porque é pretender responder a uma pergunta muito funda, muito profunda, como é penetrar no mistério da iniquidade do pecado (IITes 2,7) e no mistério da seletividade de Deus: o porquê da dor.

No entanto, quando pretendemos dar uma explicação para nos acalmar um pouco – porque às vezes a explicação nos acalma – até mesmo as respostas que nos damos a nós mesmos ou que nos dão pessoas com boa vontade ou bem-intencionadas,

são insatisfatórias e nos enchem de mais frustração, porque às vezes com a melhor intenção nos dizem: “isso é pelo pecado da humanidade ou pelo teu próprio pecado, estás pagando tuas dívidas” (Cf. Jó 22,5). “Está bem, muito obrigado; se estes são meus amigos – diria Jó – não preciso de inimigos”. Ou: “este é o preço que pagamos pela felicidade no outro mundo”. Santa Maria! Eu digo que quero a felicidade já aqui, não lá. Parece que Deus está no céu e também na terra. “*Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu* (Mt 6,10)”. Ou será o exercício das virtudes, “para exercitar a paciência”, como nos dizem. Ou “Deus terá seus designíos e estará nos provando”. Todas são respostas bem-intencionadas, mas para mim, perdoem-me, insatisfatórias; não me explicam o sofrimento, nem me acalmam, nem me consolam.

E mais, digo com toda tranquilidade de espírito e sem desprezar as boas intenções do próximo, quando a gente está vivendo momentos de dor, o único que a mim mais me agrada é a frase do Eclesiastes: “*Vaidade das vaidades, tudo é vaidade* (1,2)”; a vida sem Deus é um absurdo, não há outra explicação. A dor, o sofrimento é um dos motivos, uma das experiências fundamentais da vida. Repito, pouco serve explicar-nos ou pretender explicar a causa e o porquê da dor; mais ainda, quando supostamente damos alguma resposta, esta é tão insatisfatória como dar um pouquinho de água a um sedento, ou um aperitivo a um faminto. Às vezes é melhor não lhe dar nem isso, porque o deixas com mais vontade; é pior um pouquinho que nada.

Eu creio que o mais importante nessa circunstância – e para entender por que estamos festejando a Cristo Rei na Cruz, na dor – não é tanto perguntar-nos o porquê existe a dor, porque Deus permite ou porque temos que estar sofrendo determinado tipo de coisas, mas *para que*; ou seja, o que fazemos com isso, para que nos serve, como podemos capitalizar, como podemos tirar fruto disso, como podemos aproveitar. Já não me importa tanto a explicação filosófica ou teológica, mas importa mais a utilidade que eu possa dar: o *para que* da dor e não tanto o *porque*. Parece-me que perguntando-nos o porquê da dor não somente virá a noite, mas virá a morte, e ainda assim não vou poder explicar. Vou ficar como o burro dando voltas com a cenoura na frente, tratando de encontrar a explicação sem encontrá-la nunca, e vou perder minha vida atrás de uma explicação. Vamos ver o que fazemos com a dor, como a capitalizamos.

Com a intenção de dar sentido a dor, aplicação, utilidade, pelo menos na prática, o que tenho visto – segundo minha experiência, segundo as Sagradas Escrituras, segundo o Magistério da Igreja – é que cada vez que a gente é fiel ao amor, cada vez que a gente dá um passo de compromisso com o que se ama, quase que irremediavelmente se produz a contradição (Cf. Jer 15,16-18). Diríamos que há uma lei de opostos ou de contradição de que quando a gente dá um passo para frente, ou um passo pra cima – diriam os físicos com Isaac Newton na cabeça – a gravidade aumenta. A força pra baixo é mais forte à medida que mais puxemos para cima, pelo peso e pela altura;

creio que assim se calcula a lei da gravidade. Em outras palavras, diríamos com Miguel de Cervantes em “Dom Quixote”: “*Latem Sancho, sinal de que cavalgamos*”.

Cada vez que somos fiéis no amor, esses passos a favor de uma convicção, de um ideal, de um objetivo, marcam um limite; damos um passo para frente e, portanto, há coisas que ficam para os lados. Por isso comecei a Missa dizendo-lhes: “Sim! Viva Cristo Rei”! E que morra todo o resto. A gente desejaria que vivesse tudo, o céu, a terra, o grande, o pequeno, mas, se tenho que optar, que viva Deus! E o resto? O resto que Deus se encarregue. É como uma espada de dois gumes – como aquela que profetizou Simeão à Maria (Lc 2,35) – onde cada vez que cortamos num sentido, ficam certos fragmentos de nossa vida do outro, os quais desejaríamos que também nos acompanhassem. Mas, queridos irmãos, quanto mais a gente se aproxima do porto que quer chegar, mas se distância do porto de onde saiu. Eu desejaria estar no México e no Uruguai, mas não posso estar nos dois, não tenho bi locação. Sendo assim, se estou no México, estou bem longe do meu País. A gente diria: “Não podemos estar nos dois lados”? Isso é para as crianças que fantasiam, para as ilusões imaturas nas quais queremos uma coisa e também a outra. Mas a vida e o amor nos exigem isso: um passo a favor do amor é um corte ou uma renúncia de outras coisas, até o ponto que “*quem perca sua vida por mim, a salvará* (Mc 8,35)”.

Diríamos que a dor é o termômetro de que estamos dando passos a favor do amor. “O amor assim como te coroa rei, também te crucifica”, disse Khalil Gibran, o poeta libanês, em

seu livro “O Profeta”. O amor assim como te faz subir às mais altas copas, também te afunda até tuas mais baixas raízes. É como um jogo de opostos, como um movimento vertiginoso, centrífugo ou centrípeto, que quanto mais se centraliza mais tira para fora outras coisas. Há coisas que se atraem e há coisas que se repelem. Há quem não gosta ou quem tema este tipo de experiências na vida, que opte por sair do rio, porque o rio tem esses riscos, pode nos levar ao porto, mas também pode nos afundar, ou pode nos fazer soçobrar, naufragar. De outra forma, nos dedicaremos a uma vida simples, sem muitos sofrimentos, mas também sem muitas conquistas.

Em segundo lugar, o “para que” da dor, para mim, no que contribui e no que aproveito-a, é também a exigência de ter que permanentemente interpretar positivamente as situações absurdas, ridículas, chocantes ou sem sentido que a vida nos traz diariamente. Ou seja, é como um permanente levantamento de peso, levantando o peso que te puxa pra baixo e te diz: “não, não vale a pena, não tem sentido, para que te esforças? Para que lutas? Que sentido tem esforçar-te mais?”. E então, a dor tem a exigência ou a oportunidade de uma permanente interpretação ou discernimento das coisas bobas, triviais, inúteis, aparentemente estéreis que cada um de nós vive, com um sentido transcendente, espiritual, um sentido religioso, sagrado. Deste modo, com isto, estou participando nem mais nem menos que da intimidade de Jesus.

O que a dor também contribui para mim, e por isso lhes transmito, é que me faz penetrar mais na intimidade de Jesus,

que é o que mais me importa, o único que me importa (Cf. II Cor 12,10). Então, ainda que os méritos ou as virtudes – que não os tenho, mas, às vezes por acaso posso encontrar algum – pareçam me assemelhar a Jesus, a dor me assemelha muito mais diretamente a Ele, pois, como diz Isaías no capítulo 53, Ele é “*o varão das dores, experimentado no sofrimento*” (v. 3), aquele que “*como cordeiro foi conduzido ao matadouro*” (v. 7). Então, de repente quando me vejam – imaginem, usem a imaginação – virtuoso, santo, bom, gente de bem, pode ser que algum traço de Jesus vejam. Mas, quando me vejam sofrer e não desesperar-me, quando me vejam abatido, cansado e tendo uma interpretação positiva, parece-me – como eu faço com o Papa – que vão me encontrar muito mais parecido com Jesus do que quando me vejam resplandecer ou com virtude. E o que mais eu quero do que me parecer com Jesus, participar com Ele da sua intimidade, dialogar com Ele, colaborar com Ele, participar do seu trabalho?

Seu próprio nome, “Jesus”, significa “salvador dos pecados” (Cf. Mt 1,21). Portanto, deve estar metido no lodo; se tem que trabalhar com isso, tem que estar no barro todos os dias para dar-lhe forma, como se fora um artesão ou um oleiro. Recordem a imagem de Jeremias, de tomar o barro em suas mãos para transformá-lo em uma porcelana preciosa, em uma cerâmica muito valiosa (Cf. Jer 18,1-6)? Jesus se meteu com todos os pecadores (Cf. Mc 2, 15-17); está todo o dia com isso e, portanto, sofre a vergonha, a humilhação, a dor, a debilidade, o risco de contágio, o desânimo, suporta todos os dias, em lugar de uma boa notícia, uma má.

Queridos irmãos, em terceiro lugar, o “para que” da dor nos assemelha mais com Jesus, o qual na Cruz nos mostra de que realeza está falando: “Aqui sou Rei; sou Rei na dor; sou Rei pela dor. Sou Rei porque dou a vida, amo até dar a vida por quem amo (Cf. Jo 15,13). Sou Rei porque ainda que o Pai me tenha posto nisto, nem sequer protesto contra o Pai (Cf. Jo 12,27-28), e vejo aqui verdadeiramente – muito mais que em outros momentos – o designo providencial do Pai”. Como dizia a carta aos Colossenses no capítulo 1, que lemos na segunda leitura, Cristo está posto pelo Pai, desde antes da criação do mundo (Cf. Col 1,17) para ser o verdadeiro Rei do universo, Senhor universal, mas especialmente ali “*apareceu o pente*” (a verdade oculta), apareceu no momento da Paixão. Realeza e reinado de Cristo, Rei todo poderoso e eterno que se manifesta e se explicita especial e fundamentalmente na dor, na Cruz, e na solidão de sua desnudez frente ao Pai, de seu amor e de sua fidelidade até o fim dos tempos.

Finalmente, assim como temos refletido sobre a dor e a Cruz como o âmbito da realeza de Cristo, sem perguntarmos o *porquê*, mas o *para que*, tentando encontrar aí um permanente sentido espiritual, uma identificação com Cristo, um termômetro ou signos da profundidade no amor, a quem vamos invocar – no dia de Cristo Rei, para que nos faça como Ele – senão a Maria Santíssima, Rainha e Senhora do universo? Em 22 de agosto celebramos a Maria, Rainha e Senhora do Universo. A mesma Rainha do universo é também a que “*estava junto à Cruz de Jesus* (Jo 19,25)” e, portanto, Senhora também da dor, a Mater

Dolorosa a quem o mundo inteiro celebra em 15 de setembro (Nossa Senhora das Dores). Maria, a Mater Dolorosa, quem junto a dor e a Cruz de Jesus, participa não somente de sua dor na obediência de seu amor ao Pai e aos homens, mas também participa com Ele de sua Glória e Reinado universal.

Que Maria Santíssima, a Rainha e a Dolorosa, nos acompanhe, nos fortaleça, nos ilumine, nos abra os olhos para entender o “para que” da dor; e ao mesmo tempo, acompanhados de Maria e de seu Filho neste peregrinar, neste “vale de lágrimas” – e assim mesmo, muito interessante, alegre e também carregado de sentido, como é o peregrinar neste mundo – não somente vivamos já agora com a presença real e radiante de seu Filho entre nós, mas que também Maria, a Rainha e a Dolorosa, interceda por nós no Reino Eterno.

Que assim seja.